



# TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES NA AMAZÔNIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS <sup>1</sup>

Márcia Maria de Oliveira <sup>2</sup>

## *Introdução*

Pensar a Amazônia sob a perspectiva dos estudos de gênero é um grande desafio para as ciências humanas. Esta abordagem só é possível a partir da compreensão da Amazônia em sua sociodiversidade.

Na perspectiva da sociodiversidade, são abordadas as relações sociais e existenciais dos diversos grupos humanos que se apropriam, de forma simultânea e com padrões próprios de organização social, tendo em vista sua autonomia no exercício político, que determina padrões específicos de identidades sócio-culturais, e de acesso ou pertencimento territorial. Isso implica em uma existência humana relacional em constante dinâmica, como o que ocorre na Amazônia com os mais variados povos em suas singularidades.

Ao percorrer os estudos da sociodiversidade na Amazônia, se percebe outro grande desafio que é a compreensão da mulher e seu papel nesta região. Nesta perspectiva, as relações de gênero são uma chave de leitura importante para se compreender a sociodiversidade e seus desafios na Amazônia (TORRES, 2005). Num contexto de sociodiversidade, para se compreender a “mulher amazônica” é necessário considerar inúmeros fatores de ordem cultural, política e econômica a partir da complexidade que é a Amazônia.

A proposta deste breve estudo é justamente apresentar algumas pistas para a reflexão sobre a condição da mulher na Amazônia, adentrando a problemática do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial na região. Trata-se de uma temática complexa e pouco debatida, mas, de grande relevância para os estudos de gênero.

## *Breves reflexões sobre as mazelas do tráfico internacional de mulheres na Amazônia*

---

<sup>1</sup> Parte deste artigo foi apresentado no Grupo de Trabalho: Migrações, Violência e Tráfico de Mulheres na Amazônia. GT do I EMFLOR – Encontro de Estudos das Mulheres da Floresta realizado na Universidade Federal do Amazonas de 19 – 21 e outubro de 2009.

<sup>2</sup> Socióloga, Mestre em Sociedade e Cultura, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM); Pesquisadora do Grupo de Pesquisas sobre Migrações na Amazônia (GEMA) e pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Observatório Social – GEPOS/UFAM, Pesquisadora do Observe: Observatório da Lei Maria da Penha.



Se a compreensão da sociodiversidade na Amazônia já se apresenta como algo um tanto complexo e difícil de ser entendido, a compreensão do papel da mulher na Amazônia é ainda mais complexa. Os estudos de Torres (2005) indicam que os estudos das relações de gênero na Amazônia ainda permanecem pouco explorados pelos pesquisadores da região. Ainda são poucas as pesquisas sobre o perfil da mulher e seus impactos na sociodiversidade definindo quem são essas “amazônidas” e qual a relevância de seu papel nesta sociedade marcada pela pluriculturalidade.

Uma análise sociológica sobre esta temática passa, necessariamente, pela análise histórica desta região marcada por relações de exploração e pela prática permanente do tráfico humano. Tal prática é identificada desde a intervenção arbitrária dos colonizadores que transformaram os homens-livres da floresta em escravos nas descimentas<sup>3</sup> tornando as mulheres vulneráveis à exploração sexual.

A partir da segunda metade do Sec. XIX, com a exploração do látex, mais de 300.000 (trezentos mil) trabalhadores foram trazidos do nordeste para a Amazônia (LOUREIRO, 1982) nos moldes do tráfico humano, pois era caracterizado pelo aliciamento e endividamento preeminente dos “soldados da borracha”. Juntamente com o tráfico de homens, o tráfico de mulheres passou a ser praticado em larga escala neste período como forma de atenuar a tensão nos barracões de controle da produção da borracha.

Ao tentar compreender os aspectos históricos que tornam as mulheres da Amazônia vulneráveis à prostituição e ao tráfico humano, Hazeu<sup>4</sup>, conclui que:

Na Amazônia, a mulher sempre foi percebida em segundo plano. Os programas de desenvolvimento, os investimentos, as políticas sócio-econômicas sempre foram direcionados para o agronegócio e mineração, que procuram trabalhadores masculinos. A presença da mulher e as questões da sua sobrevivência foram consideradas uma consequência do trabalho masculino. Nesta lógica, as mulheres migraram para dentro da Amazônia atrás dos homens pioneiros, seringueiros, garimpeiros, trabalhadores de construção, marinheiros e caminhoneiros para ocupar os serviços por eles desejados: trabalhadoras domésticas, prostitutas e/ou para um eventual casamento, muitas vezes através de aliciadores e traficantes. Este dinamismo fragilizou a posição da mulher na Amazônia e produziu uma cultura permissiva à exploração sexual (HAZEU, 2006, p.5).

Os elementos apresentados por Hazeu representam um recorte histórico importante onde as mulheres foram fragilizadas na sua condição feminina na Amazônia. Isso é fato. Também é fato que na sequência do Ciclo da Borracha, as mulheres continuaram sendo traficadas na Amazônia para fins de exploração sexual nos garimpos e nas casas noturnas de Manaus no apogeu da Zona Franca.

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada para indicar o envio de índios feitos escravos da Amazônia para o Nordeste do Brasil no Sec. XVII. As descimentas eram parte das políticas coloniais de resgates, entradas, descimentas e aldeamento praticadas com os índios da Amazônia.

<sup>4</sup> Esse texto pode ser conferido em: [www.fao.org.br/CD/download/4\\_trafico\\_serres\\_humanos.pdf](http://www.fao.org.br/CD/download/4_trafico_serres_humanos.pdf)



Mas, há outros elementos de ordem política, econômica, social e cultural que condicionam muitas mulheres ao tráfico internacional na Amazônia. Nesse sentido um fator de grande relevância é o estereótipo que as mulheres da Amazônia carregam na relação com outros estados e regiões do Brasil e com outros países: a de “mulher exótica” de “sexo forte e selvagem” que, trocando em miúdos, significa diferente e excêntrica. Na verdade este estereótipo nada mais é do que a justificativa para a legitimação da sevícia e da exploração da condição feminina vendida pelos marqueteiros do “turismo” sexual aos estrangeiros que vêm “visitar” a Amazônia.

Uma dimensão importante neste contexto indica que boa parte do chamado “turismo ecológico”, que na verdade é uma justificativa para o turismo sexual, é financiado pelo próprio estado. Só para se ter uma idéia, as maiores festas “temáticas” da Amazônia, onde ocorre a maior parte dos aliciamentos de mulheres e meninas, são totalmente financiadas pelo governo estadual juntamente com as grandes empresas patrocinadoras dos eventos<sup>5</sup>. Nessas ocasiões, tanto ocorre exploração sexual com a prostituição de mulheres e meninas nos locais das festas, como também, ocorre o aliciamento para o tráfico internacional dissimulados por propostas de trabalho, de melhores condições de vida e, o mais absurdo de todos, casamento rápido consequência de “amor à primeira vista”.

Muitas meninas e mulheres que embarcam no retorno dos turistas das grandes festas, nunca mais retornam aos seus familiares. Diferentemente dos migrantes econômicos que remetem remessas freqüentes a seus familiares, essas meninas e mulheres jamais enviam qualquer remessa nem notícias sobre seus trabalhos ou casamento. Quando retornam, o que é muito raro, em geral, tentam não tocar no assunto ou criam fantasias para disfarçar os dissabores vividos na prostituição em terra estrangeira.

#### *Novas dinâmicas do Tráfico internacional de Meninas e Mulheres da Amazônia*

Recentemente, um importante o estudo de Oliveira (2008)<sup>6</sup> aponta para novas dinâmicas do tráfico internacional na Amazônia, onde Manaus aparece como rota intensa de mulheres levadas para a prostituição nos garimpos e nos cassinos da Venezuela. O estudo indica que 73% das mulheres prostituídas na região caribenha da Venezuela são provenientes da Amazônia e que a

---

<sup>5</sup> Por exemplo, o Festival dos Bumbás de Parintins no mês de junho e a Festa do Peixe ornamental de Barcelos, mês de agosto são duas festas que recebem grande número de turistas estrangeiros e de outras regiões do Brasil.

<sup>6</sup> O texto “Um olhar sobre as redes de prostituição e tráfico de mulheres na fronteira Brasil-Venezuela a partir das rodovias BR-174 e Troncal 10” foi apresentado no X Coloquio Internacional de Geocrítica: Diez Años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008 - Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008 - Universidad de Barcelona.



grande maioria se encontra em situação irregular. Esta rota facilita o envio de mulheres para prostituição na Espanha e Holanda, saindo pelo Suriname.

O tráfico internacional de seres humanos, há séculos, vem marcando a história da humanidade como um estigma difícil de ser extirpado. Trata-se de um dilema que envolve pessoas de todas as partes do mundo. Atualmente, figura entre os crimes internacionais com maior lucratividade, só perdendo para o tráfico internacional de drogas e de armas<sup>7</sup>.

Segundo a Convenção de Palermo retificada pelo governo Brasileiro<sup>8</sup>, o tráfico humano é o recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas, por meio de ameaça ou uso da força ou outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de engano, do abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade ou de dar ou receber pagamentos ou benefícios para obter o consentimento para uma pessoa ter controle sobre outra pessoa, para o propósito de exploração<sup>9</sup>.

Tomando por base essa definição do crime transnacional, é possível compreender algumas das mazelas que permeiam o tráfico de mulheres na Amazônia para fins de exploração sexual comercial. Este é um tema cada vez mais necessário de ser abordado nos estudos das relações de gênero. Porém, há que se reconhecer que se trata de uma temática muito delicada porque envolve muito dinheiro e a participação, direta e indireta, de agentes locais, de políticos de alto escalão muito influentes na região e de estrangeiros. Os aliciadores contam com a facilitação de todo um esquema do crime internacional organizado que vai desde a falsificação de documentos pessoais<sup>10</sup> e passaportes até o convencimento da própria família que entrega suas filhas sem saber exatamente do que se trata.

### *Algumas pistas sobre a rota do tráfico em Manaus*

Um grande limite nestes estudos é justamente o acesso às vítimas que preferem ficar no anonimato por não conseguirem o apoio necessário, nem no país estrangeiro, nem no Brasil, para

---

<sup>7</sup> Segundo levantamento do Escritório das Nações Unidas Contra Drogas e Crime (UNODC), o tráfico internacional de mulheres e crianças movimenta, anualmente, de US\$ 7 bilhões a US\$ 9 bilhões, perdendo em lucratividade apenas para o tráfico de drogas e o contrabando de armas. Estima-se que, para cada ser humano transportado ilegalmente de um país para outro, o lucro das redes criminosas chegue a US\$ 30 mil. Maiores informações no: <http://www.justica.sp.gov.br/Modulo.asp?Modulo=460&Cod=2>.

<sup>8</sup> A Convenção de Palermo é o nome pelo qual é mais conhecida a Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional. Foi adotada em Assembléia da Organização das Nações Unidas (ONU), no mês de novembro do ano de 2000, na cidade de Nova Iorque. No Brasil, a Convenção de Palermo só foi promulgada quatro anos depois, com a edição do Decreto 5.015, de março de 2004.

<sup>9</sup> Protocolo para Prevenir, Suprimir e Punir o Tráfico de Pessoas, Especialmente Mulheres e Crianças, em suplemento à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional.

<sup>10</sup> No caso das menores (que são em grande quantidade) que têm sua idade alterada na carteira de identidade.



superar os traumas e dissabores desta odisséia. Por isso, boa parte dos estudos resulta das análises e denúncias das instituições que atuam no combate ao tráfico internacional.

Recentemente, um breve estudo realizado com os alunos da disciplina de Sociologia do primeiro período do Curso de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, trouxe à tona novos detalhes das rotas do tráfico na Amazônia a partir da realidade de Manaus. O Estudo, intitulado: “Cartografia da Prostituição em Manaus”<sup>11</sup>, identificou várias mulheres em situação de prostituição que foram vítimas recentes do tráfico internacional. Os depoimentos recolhidos ao longo da pesquisa indicam as redes de favorecimento do tráfico muito parecidas com aquelas já apontadas pela PESTRAF que são: as redes de entretenimento (shoppings centers, boates, bares, restaurantes, motéis, barracas de praia, lanchonetes, danceterias, casas de shows, quadras de escolas de samba, prostíbulos, casas de massagens); rede do mercado da Moda (fashion): agências de modelos (fotográficos, vídeos, filmes); rede de Agências de emprego: empregadas domésticas, baby-sitters, acompanhantes de viagens e trabalho artísticos (dançarinas, cantoras, go go girls); rede de Agências de Casamento; rede de tele-sexo: anúncios de jornais, internet e TVs (circuito interno); rede da indústria do turismo - agências de viagem, hotéis, spas/resorts, taxistas, transporte do turista; redes de Agenciamento para Projetos de desenvolvimento e infra-estrutura, recrutamento para frentes de assentamentos agrícolas, construção de rodovias, hidrovias, mineração (garimpos) e outros.

Em Manaus, foram identificadas muitas rotas intermediadas pelos famosos “hotéis de selva” e pelas festas temáticas. O grande projeto de “turismo ecológico”, amplamente divulgado e financiado pelo atual governo do estado continua sendo estratégia para o “turismo sexual” facilitando as rotas para o tráfico das meninas aliciadas. Há situações de aliciamento em comunidades indígenas e ribeirinhas, especialmente aquelas que se localizam nas proximidades de garimpos ou de fronteiras internacionais: Colômbia, Peru, Guiana Francesa e Venezuela.

Durante a realização da pesquisa foram entrevistadas várias mulheres e meninas que escaparam ao tráfico mediante informação e esclarecimento antes do embarque. As vítimas do tráfico que retornaram a Manaus, no geral, apresentam histórico de intensa violência sexual. À título de exemplificação, escolhemos um depoimento de uma vítima que, por certo, consegue resumir a tragédia do tráfico de mulheres da Amazônia:

---

<sup>11</sup> Esta pesquisa, por mim coordenada na condição de professora da disciplina de Sociologia, envolveu todos os 60 alunos da turma que foram divididos em grupos temáticos que pesquisaram os principais redutos da prostituição na cidade de Manaus com a finalidade de elaborar uma cartografia da realidade. A pesquisa foi realizada no primeiro período de 2009 e apresentada como critério de avaliação da disciplina. O que era para ser apenas um exercício cartográfico terminou apontando elementos importantes sobre as rotas do tráfico de mulheres em Manaus.



Eu fui de Manaus (Bairro Conquista), junto com várias amigas, para a Festa de Parintins no dia 24 de junho de 2000. Na época, tinha 14 anos. Ainda no barco, conheci um “gringo” muito simpático que estava junto com outros colegas da Holanda. Naquela noite ele tentou dormir comigo na minha rede dizendo que estava muito encantado com minha beleza e que nunca tinha visto uma mulher tão atraente e sensual. Não dormi com ele porque tinha muita gente. Quando chegamos em Parintins, percebi que ele tinha muitos contatos com outros “gringos” de vários outros países mas, nem desconfiei do que se tratava. Durante o festival, ele me apresentou a vários amigos que me ofereciam sempre muito dinheiro para transar com eles. Faturei uns oitocentos reais durante a festa. No último dia, o dito rapaz chegou pra mim e perguntou se não queria viajar com ele, conhecer a Hlanda, depois ir visitar os amigos na Itália, em Portugal e em quantos países eu quisesse. Fiquei balanceada com a proposta. Ele disse que podia confiar que ele me pagava a passagem. Falei que não tinha passaporte. Ele pediu meus documentos. Eu só tinha levado minha carteirinha de vale estudantil. Entreguei para ele de manhã. Quando foi lá pelas quatro da tarde, ele apareceu com todos os documentos (identidade e passaporte) que afirmavam que eu tinha 19 anos e com a passagem de ida para Holanda. Fiquei tão feliz. Quando fui contar para minhas amigas, descobri que ele tinha feito a mesma proposta para várias delas e, quando embarcamos no Aeroporto de Manaus, sem avisar a nossas famílias, éramos quatro garotas, todas de menor como eu. Mal chegamos e já começou tudo: seguraram nossos documentos, deram-nos roupas e tabelas com preços e horários para programas com vários homens naquela primeira noite. Daí por diante, foi só sofrimento. Logo perdi o contato com minhas amigas. A cada ano chegavam novas “remessas” como diziam, do festival. Em 2007, depois de sofrer todo tipo de violência e humilhação que se pode imaginar, consegui sair da boate, porque no final, já estavam me descartando das tabelas porque eu já estava muito “frouxa” e os clientes já não me queriam mais. Como não tinha grana para voltar, procurei fazer uns bicos por fora, trabalhava de babá durante o dia e fazia alguns programas durante as noites. Trabalhei muito até conseguir a grana da volta e juntar algum para não chegar de mão abanando. No final de 2008 consegui retornar para Manaus. Minha família havia se mudado e foi difícil reencontrá-los. Depois, descobri que lhes haviam informado que eu havia morrido no Rio Amazonas. Foi uma grande surpresa para todos, mas, eu nunca tive coragem de contar para eles o que aconteceu comigo nesses tantos anos. Inventei uma história que havia sido seqüestrada por engano e que depois consegui escapar. Eles nem sonham com o que realmente aconteceu e eu rezo todos os dias para eles nunca saberem. Soube que uma das minhas amigas daqui de Manaus que estava lá, doou um rim e morreu por causa disso. Na verdade, acho que arrancaram os rins dela porque vi fazerem isso com várias mulheres que já não “serviam” mais para a prostituição. Hoje, tudo que peço a Deus é que as garotas não caiam nessa fria que eu caí. Nunca mais hei de voltar a esse Festival de Parintins (PESQUISA DE CAMPO, 2009).

As poucas vítimas que conseguem retornar dos países estrangeiros denunciam que sofreram todo tipo de abuso e violência. Essas denúncias, que não são muito freqüentes, têm sido amplamente divulgadas pela mídia independente e pelas instituições nacionais e internacionais que trabalham no combate ao tráfico. Porém, os esforços não têm conseguido diminuir o fluxo do tráfico na Amazônia:

Inicialmente as mulheres que ingressam em países de forma ilegal, ou ultrapassam o período estipulado em seus vistos, são particularmente vulneráveis à exploração. O padrão é similar em muitos países: mulheres jovens que procuram trabalhos legítimos são ludibriadas por agentes especializados em tráfico de pessoas. Ao chegarem em um país estranho, seus documentos são “confiscados” e seus movimentos são restritos. Mesmo que elas tenham oportunidade, não procuram ajuda por receio de represálias, de serem tratadas como criminosas ou da repatriação. As mulheres são estupradas, agredidas e drogadas pelos seus exploradores [...] Enquanto as mulheres não gozarem de oportunidades iguais na educação, moradia, alimentação, emprego, enquanto não tiverem alívio do trabalho doméstico não-remunerado, enquanto seu acesso ao poder do Estado e à liberdade não for garantido, vão continuar na lista das vítimas preferenciais da violência e do tráfico (CIMI BRASIL, 2005)<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> CIMI – Centro Mídia Independente: [WWW.midiaindependente.org](http://WWW.midiaindependente.org). Artigo disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/05/316578.shtml>



Muitos elementos poderiam ainda ser aprofundados a partir dos depoimentos das vítimas e das instituições. Essas são apenas algumas considerações que podem contribuir para uma análise mais aprofundada desta temática na Amazônia a partir das provocações dos estudos das relações de gênero.

### *Conclusão*

Estas breves reflexões resultam de estudos preliminares que apontam para futuros aprofundamentos. Este estudo identifica que a questão do tráfico humano na Amazônia implica principalmente as mulheres e as meninas pouco informadas sobre os riscos da prostituição e da exploração sexual em países estrangeiros.

Percebemos que a Amazônia continua apresentando o maior número de rotas de tráfico. O Relatório da Região Norte da pesquisa PESTRAF cita as características geográficas e culturais da Amazônia como fatores que favorecem o processo de tráfico de seres humanos. A história da região e os planos para seu desenvolvimento, através de fronteiras extensas, com sete países vizinhos também contribuem para facilitar o tráfico.

O isolamento geográfico e a precária infra-estrutura de controle das fronteiras, sem fiscalização, e a permanente dinâmica migratória na região, são elementos que tornam a Amazônia vulnerável ao tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial.

É importante que na Amazônia ocorre o tráfico interno e internacional (Guiana Francesa, Venezuela, Bolívia e Suriname) e o transcontinental (países mais apontados: Holanda, Alemanha e Espanha)<sup>13</sup>.

Uma característica particular do tráfico de mulheres na Amazônia é a existência de minas de ouro e projetos de desenvolvimento, áreas onde têm muitos homens trabalhando longe das famílias, o que provoca tráfico com o fim de prostituição.

A falta de políticas públicas para mulheres é um dos principais motivos para a vulnerabilidade das mulheres da Amazônia ao tráfico internacional.

Em todas as análises, emerge a necessidade de subsidiar as instituições responsáveis, para o enfrentamento ao tráfico de mulheres e crianças para fins de exploração sexual comercial na Amazônia. Cabe às instituições manter uma dinâmica permanente de orientação e informação através de campanhas e de debates, de elaboração de material impresso para informar e advertir as

---

<sup>13</sup> A Espanha ainda não ratificou o Convênio Europeu contra o Tráfico de Seres Humanos, que entrou em vigor no dia 1º de fevereiro de 2008, assinado por 37 países. Esse fato favorece o tráfico internacional na Amazônia





vítimas em potencial. Da mesma forma, é preciso criar mecanismos de encorajamento à denúncia de possíveis mecanismos de aliciamento e suspeitas da atuação das redes do tráfico. Ou seja, a prevenção continua sendo uma estratégia importante e incisiva no enfrentamento ao tráfico. Segundo este breve estudo, é preciso manter a sociedade em alerta permanente.

Este estudo também aponta para a necessidade de se investir mais nas pesquisas sobre esta temática e sobre as relações de gênero na Amazônia a fim de aprofundar mais sobre a vulnerabilidade da região ao tráfico humano e identificar os mecanismos que promovam rupturas para com este histórico de vulnerabilidade legado às mulheres na Amazônia.

### *Bibliografia*

HAZEU, Marcel (org.). *Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual na Amazônia*. Txai/OIT/Emaus, Belém, 2003; 159p.

HAZEU, Marcel; FIGUEIREDO, Danielle Lima de. *Migração e tráfico de seres humanos para Suriname & Holanda*. Belém: Txai/Emaús, 2006.

LEONEL, Mauro. Bio-sociodiversidade: preservação e mercado. São Paulo: *Revista Estudos Avançados*, 2000, vol.14, n.38.

LOUREIRO, Antônio J. S. *Amazônia 10.000 anos*. Manaus: Metro Cúbico, 1982.

MOREIRA JR. José Vicente. *Tráfico Internacional de Mulheres e Crianças* (Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/05/316578.shtml>)

OLIVEIRA, R. S. de. Um olhar sobre as redes de prostituição e tráfico de mulheres na fronteira Brasil-Venezuela a partir das rodovias BR-174 e Troncal 10. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. *Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/222.htm>.

TORRES, Iraildes Caldas. *As novas amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.